



ARQUIDIOCESE DE POUSO ALEGRE - MG

DOCUMENTO PÓS-SINODAL



PRIMEIRO SÍNODO ARQUIDIOCESANO

POUSO ALEGRE • MINAS GERAIS

2022-2025

Igreja:
caminho de comunhão
para a missão

"Aproximou-se e pôs-se a
caminhar com eles"
Lc 24, 15

Arquidiocese de Pouso Alegre - MG

Documento de Conclusão do
1º Sínodo Arquidiocesano de Pouso Alegre
2022-2025

Igreja: caminho de comunhão para a missão

“Aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles”
(Lc 24,15)

SIGLAS

Cf - Confira

CNBB – *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*
– Documento 100

CTI – Comissão Teológica Internacional, *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*

DAP – Documento de Aparecida

DC – XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *Documento de Conclusão*

EG – Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*

EN – Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*

LG – Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen gentium*

SC – Vaticano II, Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*

SpS – Bento XVI, Carta Encíclica *Spes salvi*

INTRODUÇÃO

“É ao longo de nossa estrada que presente se faz o Senhor.

Aproximou-se e com eles caminhou”¹.

O saudoso Papa Francisco, demonstrando profundo espírito sinodal, propôs à Igreja o Sínodo dos Bispos sobre a **Sinodalidade**, com o desejo de um caminho de renovação espiritual e de uma reforma estrutural da comunidade cristã para que ela se torne mais participativa e missionária.

Francisco desejou redefinir o objetivo da Igreja de conduzir os cristãos, no seguimento de Jesus Cristo, em uma jornada venturosa rumo à plenitude do Reino, em união com a humanidade inteira. Aprendemos com ele que a **sinodalidade** é a expressão concreta da presença do Espírito Santo em cada um de nós e uma dimensão que faz a Igreja.

Que grande graça o convite para se repensar as práticas atuais da Igreja e seus ensinamentos! E, ainda, permitir que todo o **povo de Deus** se una ao anúncio do Evangelho, a Boa-Nova de Jesus, valorizando os carismas e ministérios dentro das comunidades locais.

Em seu relatório final, o Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade canta um hino à unidade na diversidade como caminho de enriquecimento espiritual de toda a nossa Igreja Particular. É momento de respirarmos esse ar cheio de frescor, no qual o povo de Deus põe em discussão os comportamentos, os hábitos e as convicções da prática pastoral da Igreja: “Por uma Igreja Sinodal, comunhão, participação e missão”.

¹ *Refrão do hino do 1º Sínodo Arquidiocesano de Pouso Alegre. Letra e música de Shirlene Virgínia Cabral Machado.*

O Sínodo sobre a Sinodalidade marcou a Igreja nesse gesto verdadeiramente profético, nessa proposta de uma experiência de vida pessoal e comunitária em que o poder é compartilhado e os menores são empoderados (cf. Lc 1,52-53). Quando foi convocado, a Igreja Particular de Pouso Alegre, em sintonia com os ensinamentos do **Concílio Vaticano II**, já estava fazendo uma rica caminhada sinodal por meio de assembleias e da organização em setores e conselhos pastorais, nos níveis comunitário, paroquial e arquidiocesano; essas práticas estão bem consolidadas e vivas na nossa memória.

O 1º Sínodo Arquidiocesano foi preparado com todo cuidado e zelo e é com imensa alegria que apresentamos, agora, o **Documento de Conclusão do 1º Sínodo Arquidiocesano de Pouso Alegre – 2022-2025**. O texto se divide em três capítulos: o primeiro traça o percurso pastoral da nossa Igreja Particular, desde o Concílio Vaticano até os tempos atuais, destacando sobretudo as diversas fases do nosso Sínodo; o segundo trata dos fundamentos teológicos necessários para compreendermos o que significa ser uma Igreja em saída, um “caminho de comunhão para a missão”; e, por fim, o terceiro capítulo apresenta as proposições de ação que deverão ser aplicadas às situações específicas da nossa Igreja Particular.

Convidamos a todos os fiéis arquidiocesanos a acolherem os resultados do nosso Sínodo, colocados em forma de proposições para serem praticados com **criatividade**.

Um novo tempo de nossa história se descortina com a caminhada sinodal. “Em comunhão com o Senhor, escutar o que o Senhor nos diz” (cf. Lc 24,25-32): é a Palavra de Deus que ilumina a leitura deste **Documento Sinodal**. A belíssima página do Evangelho de Lucas nos ajuda a responder sobre a caminhada da Arquidiocese e a ver a realidade à luz da fé.

Com o coração cheio de alegria por todo o caminho percorrido, chegamos ao momento de viver a sinodalidade,

a partir da experiência de encontro com Cristo, como foi no caminho de Emaús. Nesse caminho, encontramos **Jesus** em diálogo, interessado com o que nos incomoda e a nos pedir uma palavra. Suas perguntas podem nos levar a uma nova descoberta de que a “sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do Terceiro Milênio”, para ser uma Igreja dinâmica, samaritana, sinodal e em saída; uma Igreja em que resplandeça o Mistério de **comunhão missionária**, a caminho do Reino definitivo.

Todos nós somos Igreja e Jesus convida-nos a **formar comunidades**, para juntos testemunhar, servir, oferecer esperança ao mundo, como expressão da fé naquele que nos uniu com um pedido muito especial: “que todos sejam um” (Jo 17,21). A unidade será a expressão de nosso amor, do amor ensinado por Jesus: “como eu vos amei” (Jo 13,34). O Espírito que nos faz filhos, nos forma como **discípulos**, com os mesmos sentimentos de Jesus. Assim, a Igreja de Pouso Alegre será alcançada pelo amor de Deus, manifestado no Filho Jesus e pelo dom de sua vida doada a nós!

Que a leitura atenta deste documento seja uma nova oportunidade para olharmos de novo o Sínodo como sinal de esperança e renovação de nossa **Arquidiocese** e de toda a Igreja.

Maria, presente em Pentecostes, obtenha-nos do Espírito que a acolhida destas proposições seja afetiva e efetiva, e que este evento de graça nos torne um **povo caminheiro** ao lado do Ressuscitado, cheios de alegria, fé e ardor missionário.

Dom José Luiz Majella Delgado C.S.s.R
Arcebispo Metropolitano de Pouso Alegre - MG

Ano Santo da Encarnação
Jubileu da Esperança
2025

CAPÍTULO I

NO CAMINHO DE EMAÚS

Um percurso histórico de comunhão e participação

*“Dois discípulos caminhavam para um povoado.
E Jesus pôs-se a caminhar com eles” (Lc 24,13).*

1. A Igreja Particular de Pouso Alegre, ao longo dos seus 125 anos de existência, tem dado sinais de querer caminhar nas estradas de Jesus, na escuta da sua Palavra, trabalhando incansavelmente pela formação de comunidades voltadas para a comunhão, participação e missão. A sua **caminhada pastoral** abrange uma série de ações voltadas para a promoção da fé, da esperança e da caridade. A sua história está marcada pelo trabalho de bispos, padres, diáconos, religiosos e leigos, os quais não mediram esforços para continuar a missão que Jesus confiou aos seus discípulos há mais de 2000 anos.

2. Ao recolhermos as **propostas pastorais do 1º Sínodo Arquidiocesano**, queremos olhar para trás com o objetivo de mostrar o quanto Deus tem abençoado a ação evangelizadora desta Igreja Particular de Pouso Alegre. Trata-se de fazer um percurso histórico, destacando aquelas ações que realmente marcaram a vida da Arquidiocese, abrindo caminhos para um futuro mais promissor.

3. O 1º Sínodo da Arquidiocese de Pouso Alegre aconteceu em tempos de “multicrise”, entrelaçado e permeado por dois acontecimentos mundiais: o Sínodo dos Bispos sobre Sinodalidade, convocado pelo saudoso Papa Francisco em 10 de

outubro de 2021, com o tema “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”, e a pandemia da Covid-19, que assolou o mundo sobretudo nos anos de 2020 a 2023. O **Sínodo sobre a Sinodalidade** aconteceu em diversas fases, iniciando-se em 2021 e encerrando-se em 2024. Suas conclusões foram aprovadas pelo Papa Francisco tal como saíram das sessões sinodais. Tal aprovação é uma atitude considerada bastante sinodal, pois é costume o papa reservar para si a promulgação do documento final, acolhendo aquelas proposições que considera mais significativas para a vida da Igreja.

4. O Sínodo dos Bispos marcou a vida da Igreja tanto interna quanto externamente, sobretudo na sua relação com outras Igrejas e comunidades cristãs e também com as religiões e com o mundo. A pandemia foi uma experiência dolorosa, pois ceifou a vida de, mais ou menos, quinze milhões de pessoas em todo o mundo, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS). Somente no Brasil, morreram mais de setecentas mil pessoas. A **situação pandêmica** se agravou com o surgimento de uma onda internacional de negacionismo científico e fascismo político, com fortes consequências para a população brasileira e também para a Igreja. No entanto, como somos capazes de aprender com as mais diversas e adversas situações, a experiência sinodal, nessas circunstâncias, proporcionou-nos ampliar os horizontes, testar nossos limites e refletir sobre novas perspectivas pastorais e evangelizadoras.

5. A vida da Igreja é uma caminhada em direção ao Reino definitivo de Deus. Ela remete sempre à experiência dos **discípulos de Emaús** (cf. Lc 24,13-35). No momento de desânimo, depois da morte de Jesus e sem ainda saberem da ressurreição, os dois discípulos tomaram a decisão de voltar para casa. No entanto, aos poucos, foram sendo tocados pelo próprio Jesus ressuscitado, o qual começou a caminhar com eles. A presença do Ressuscitado no meio destes dois discípulos mudou por completo a vida deles. Pois Cristo é a vida de Deus até o homem e deste até Deus.

O evento da graça com o qual Jesus se fez peregrino, armando a sua tenda entre nós, prolonga-se no caminho sinodal da Igreja.

6. A Igreja fez uma experiência intensa da sinodalidade sobretudo no seu primeiro milênio, tanto no Oriente quando no Ocidente. São João Crisóstomo, por exemplo, escreve que Igreja “é nome que indica caminhar juntos”. De fato, **a Igreja é o povo de Deus**, a assembleia convocada para render graças a Deus como uma realidade harmônica. A partir do início do segundo milênio, no entanto, a experiência sinodal foi perdendo força na Igreja do Ocidente, cedendo praticamente o seu lugar aos concílios. Os sínodos permaneceram mais vivos nas Igrejas do Oriente. Isso não significa afirmar que os sínodos desapareceram totalmente na Igreja latina.

7. O **Concílio Vaticano II**, na Constituição Dogmática *Lumen gentium*, descreve a Igreja como povo de Deus e fundamenta a sinodalidade na comunhão da Santíssima Trindade: a Igreja é o povo de Deus reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo. O documento conciliar apresenta a Igreja como uma realidade constituída por todos os batizados. Antes de falar da Igreja hierárquica, o concílio ressalta a **igualdade de todos os batizados**. Esta descrição da Igreja recupera a eclesiologia dos primórdios do cristianismo, fundamentada na importância e no valor de todos os cristãos. Deixa clara a dignidade de cada fiel e dá a cada um o direito ao protagonismo na vida da Igreja e do mundo. Dessa visão decorre a proposta de comunhão de todo o povo fiel, o reconhecimento dos diversos ministérios e também da colegialidade episcopal. Um dos frutos do Vaticano II é, sem dúvida alguma, a instituição do Sínodo dos Bispos pelo Papa S. Paulo VI.

8. O Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, procurou ampliar a compreensão de sínodo, fortalecendo sobretudo os **processos de consulta**. Mediante a consulta, o processo sinodal possui o seu ponto de partida no povo de Deus e, através das fases de aplicação inculturada, tem nele o seu ponto

de chegada (cf. DC, 100).

9. Por ocasião da celebração do último Sínodo dos Bispos, o Papa convidou toda a Igreja a aprofundar a compreensão da **sinodalidade**. Ao convocar para a assembleia sinodal cristãos leigos e leigas como membros de pleno direito, Francisco mostrou que o Sínodo dos Bispos, apesar de ser uma celebração exclusiva dos representantes do episcopado, interessa e deve envolver toda a Igreja.

10. O Papa que veio do “fim do mundo”, embora não tenha participado do Concílio Vaticano II, viveu em tempos de aplicação das decisões conciliares, inclusive da caminhada sinodal da Igreja. Como arcebispo de Buenos Aires, na Argentina, participou de forma ativa da **Quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007)**, celebrado em Aparecida – SP, coordenando a comissão de redação do Documento Final. Portanto, bebeu da fonte inovadora da Igreja Latino-Americana e Caribenha, a qual continua a fazer uma recepção criativa e seletiva dos ensinamentos do Concílio Vaticano II.

11. A criatividade latino-americana se expressa, entre outras, na experiência das **Conferências Gerais** convocadas pelo papa e organizadas pelo Conselho Episcopal Latino-americano e Caribenho (CELAM). De maneira especial, as quatro últimas conferências trouxeram grande contribuição para a vida da Igreja, tanto na interpretação da realidade sócio-religiosa local quanto nas propostas de ação pastoral. Essas contribuições estão registradas nos chamados Documentos ou Conclusões das Conferências Gerais, causando grande impacto na evangelização da América Latina e do Caribe. Em 1968, realizou-se a Conferência de Medellín, na Colômbia; em 1979, a Conferência de Puebla, no México; em 1992, a de Santo Domingo, na República Dominicana, e, finalmente, em 2007, a Conferência de Aparecida, no Brasil.

12. Essa rica experiência eclesial tem lugar num **subcontinente sofrido**, marcado por uma história política

violenta de colonização europeia, subjugadora e opressora dos povos originários. É necessário também ressaltar que somos testemunhas da mais longa e maior escravidão conhecida na história. Por quase quatro séculos, milhões de pessoas africanas foram violentamente retiradas de suas casas, de sua terra, de suas famílias e feitas escravas, sofrendo toda sorte de castigos e sofrimentos. Consta também na **história latino-americana** a má distribuição de rendas e desigualdades sociais de uma das maiores economias do mundo. As consequências são o enorme sofrimento da maioria da população, cujos direitos básicos, como alimentação, saúde e educação, têm sido negados ao longo dos séculos.

13. Por outro lado, é rica a contribuição dos **primeiros missionários** para a formação religiosa do povo latino-americano. Eles trouxeram para as nossas terras a fé cristã e souberam acolher a religiosidade dos povos que aqui já se encontravam e dos africanos que para aqui foram trazidos. Daí a rica religiosidade popular e as expressões culturais de fé de nosso povo.

14. Na tentativa de fazer com que o espírito da Conferência de Aparecida continuasse iluminando a vida da Igreja, o Papa Francisco deu um passo a mais na dinâmica das Conferências Gerais, ao aprovar a realização da **1ª Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe**. Devido ao Covid-19, grande parte deste evento foi realizada de forma virtual. A grande novidade da assembleia já está visível no próprio título “eclesial” e não “episcopal”. Isso é devido ao fato de o evento ter contado com a presença não somente de bispos, mas também de religiosos e religiosas, padres, diáconos permanentes e cristãos leigos e leigas.

15. Outro momento importante da vida da Igreja do Continente foi a celebração do Sínodo dos Bispos para a Amazônia. Assim que a assembleia foi encerrada, o Papa Francisco, atendendo a um pedido dos participantes do Sínodo,

criou a **Conferência Eclesial da Amazônia** (CEAMA) incluindo nela os diversos ministérios ordenados e consagrados e também os cristãos leigos e leigas. Em 11 de março de 2025, Francisco estendeu para toda a Igreja essa experiência de Assembleia Eclesial, convocando para 2028 uma **Assembleia Eclesial** para finalizar a fase de implementação das conclusões do Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade. Até lá, prevê-se um caminho de recepção das conclusões. Portanto, trata-se de um processo que deve contar com a participação de todos os cristãos nas diversidades dos carismas e ministérios.

16. Retomar a caminhada sinodal da Igreja é um gesto verdadeiramente profético e necessário. Hoje em dia, é muito perceptível o crescimento de experiências autoritárias e sectárias não só na sociedade, mas também no ambiente interno da Igreja. A sinodalidade é uma proposta de experiência de vida pessoal e comunitária, de uma **governança horizontal e participativa**. Uma experiência em que o poder é compartilhado e os menores são valorizados e reconhecidos (cf. Lc 1,52-53).

17. O **Documento Final do Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade** ressalta: “Praticado com humildade, o estilo sinodal pode fazer da Igreja uma voz profética no mundo de hoje. ‘A Igreja sinodal é como um estandarte erguido entre as nações (Is 11,12)’. Vivemos em uma época marcada pelo aumento das desigualdades, pela crescente desilusão com os modelos tradicionais de governança, pelo desencanto com o funcionamento da democracia, pelas crescentes tendências autocráticas e ditatoriais, pelo domínio do modelo de mercado sem levar em conta a vulnerabilidade das pessoas e da criação e pela tentação de resolver conflitos por meio da força em vez do diálogo. As práticas autênticas de sinodalidade permitem que os cristãos desenvolvam uma cultura capaz de **profecia crítica** em relação ao pensamento dominante e, portanto, oferecem uma contribuição distinta para a busca de respostas a muitos dos desafios enfrentados pelas sociedades contemporâneas e para a construção do bem comum” (DC, 47).

18. A Arquidiocese de Pouso Alegre, desde a conclusão do Concílio Vaticano II, vem desenvolvendo uma rica e significativa caminhada sinodal. As **Assembleias Pastorais** e a organização dos **Setores Pastorais** e dos **Conselhos de Pastoral** estabelecidos em diversos níveis (comunidades, paróquias, setores pastorais e arquidiocese) demonstram o quanto queremos ser uma Igreja de comunhão, participação e missão, atenta aos sinais dos tempos e fiel ao anúncio do Reino de Deus.

19. As Assembleias Pastorais constituem uma longa e consolidada prática da Arquidiocese, sempre ouvindo as **forças vivas da Igreja**, desde as comunidades menores, as pastorais e os movimentos, os cristãos leigos e leigas, os religiosos e as religiosas, até as lideranças e os padres, sempre sob a orientação do arcebispo. Elas têm apontado as Diretrizes da Ação Evangelizadora, os objetivos e ações concretas, através de projetos pastorais como, por exemplo, o “Formamos a Igreja Viva”. Este processo participativo e de comunhão está vivo na memória de nossa Igreja Local.

20. Os setores pastorais, criados inicialmente para atender a uma melhor organização dos trabalhos dos sacerdotes, foram, com o tempo, adquirindo importante papel na consolidação dos trabalhos pastorais da Arquidiocese. Com o aumento do número de paróquias, novos setores foram criados. Hoje, a Arquidiocese se encontra organizada em **nove setores pastorais**. Para animar a caminhada pastoral dos setores, fazendo deles espaços de comunhão e partilha, portanto espaços sinodais, foram também criados os Conselhos Setoriais de Pastoral (COSEPA's). Cada COSEPA é formado por padres, religiosos e cristão leigos e leigas que atuam como coordenadores dos Conselhos Paroquiais de Pastoral (CPP's) e como coordenadores setoriais das pastorais e dos movimentos do respectivo setor pastoral. A experiência de comunhão dos setores tem demonstrado o quanto é necessário, no ambiente interno da Igreja, cultivar **espaços de partilha** da realidade e de debates sobre questões relativas à pastoral, ao

discernimento e a eventuais aprovações de encaminhamentos pastorais nos níveis setorial e arquidiocesano.

21. Os **Conselhos de Pastoral** estão constituídos em quatro níveis: Conselho Comunitário de Pastoral (CCP), Conselho Paroquial de Pastoral (CPP), Conselho Setorial de Pastoral (COSEPA) e Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP). Eles são verdadeiros espaços para a vivência da Pastoral Orgânica. O documento “Orientações e Estatutos dos Conselhos Pastorais da Arquidiocese de Pouso Alegre”, elaborado de forma participativa, com a finalidade de orientar e regulamentar sua existência e ação, faz a seguinte afirmação: “A Igreja entende que a missão de evangelizar é uma responsabilidade comum a todos os cristãos. Os conselhos concretizam esta responsabilidade. A estrutura de conselhos pastorais recupera a dinâmica da Igreja primitiva, de **participação das comunidades** e de partilha das responsabilidades do ministério apostólico. Tais conselhos foram bastante incentivados pelo Concílio Vaticano II, pelas Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida e pelas Assembleias Arquidiocesanas de Pastoral”.

22. Toda esta caminhada pastoral da Arquidiocese de Pouso Alegre convergiu, de forma celebrativa e solene, no **1º Sínodo Arquidiocesano**, realizado em duas etapas no ano de 2024. Tanto a fase de preparação quanto a de celebração mostraram que a Arquidiocese de Pouso Alegre, no período pós-conciliar, percorreu um rico caminho de comunhão e participação em sua ação evangelizadora. Tal caminho, trilhado ao longo de sete décadas, preparou a nossa Igreja Particular para acolher e realizar o seu 1º Sínodo. Os representantes do povo de Deus, com o seu arcebispo, estiveram reunidos para escutar o que o Espírito diz à Igreja hoje. O “caminhar juntos” é expressão da comunhão eclesial. Estivemos juntos não apenas para decidirmos estratégias pastorais, mas para fazermos a **experiência da comunhão**. Unidade e fraternidade marcaram todo o processo sinodal. É chegado agora o momento de acolher seu resultado em forma

de proposições e colocá-las em prática de forma criativa e participativa.

23. Dentre os anseios que brotaram dos corações dos participantes do Sínodo Arquidiocesano, vale lembrar os seguintes:

a. Valorizar as **pequenas comunidades** como espaços de vivência da fé cristã. Esta demanda está em conformidade com as orientações do documento da CNBB “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”.

b. Fortalecer a **Pastoral Orgânica**. Para que as pequenas comunidades sejam, de fato, espaços de vivência da fé cristã, é preciso promover a Pastoral Orgânica, compreendendo a Igreja, como nos recorda o projeto “Formamos a Igreja Viva”, do ano 2000, como uma realidade feita de relações e voltada para o esforço de evangelizar em mutirão. A Pastoral Orgânica também está em perfeita sintonia com a Igreja Sinodal proposta pelo Papa Francisco e já assumida pelo Papa Leão XIV.

c. Revitalizar os **organismos de participação**, como os Conselhos de Pastoral e os Conselhos Missionários. Eles já estão previstos no Código de Direito Canônico em formato deliberativo e possuem ampla fundamentação bíblica. São totalmente recomendados em vários documentos pontifícios, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e de nossa Arquidiocese. Nos conselhos devem estar representadas todas as forças vivas da comunidade e é importante que não funcionem apenas como espaços de comunicados, mas, sobretudo, de discernimento. É importante repetir que a nossa Igreja Particular dispõe destes conselhos em diversos níveis: comunitário, paroquial, setorial e arquidiocesano.

d. Elaborar um **projeto arquidiocesano de formação** sistemática, orgânica e gradual: uma “Escola Arquidiocesana de Formação”. É uma proposta também em sintonia com o

documento conclusivo do Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade. Propõe-se uma formação na linha da espiritualidade direcionada, sobretudo, aos catequistas e agentes das pastorais, movimentos e ministérios.

e. Por fim, recuperar a **ação missionária** através do fortalecimento dos Conselhos Missionários Paroquiais (COMIPAs). É forte a percepção positiva da experiência das Santas Missões Populares (SMP) ou das visitas domiciliares. Daí a necessidade de reforçar tais conselhos missionários e retomar o Projeto “Igrejas Irmãs”.

24. Nos instrumentos de trabalho da etapa arquidiocesana do nosso 1º Sínodo não se nota, todavia, uma preocupação com as seguintes questões:

- a) A situação social, econômica, política e ecológica;
- b) A realidade da cultura e a relação com a devoção e a piedade popular;
- c) O ecumenismo e o diálogo inter-religioso;
- d) O aumento de grupos conservadores que se opõem às linhas pastorais da Igreja.

25. A Arquidiocese de Pouso Alegre, como porção do povo de Deus plantado e presente nas terras sulmineiras, depois de celebrar o seu **1º Sínodo**, é desafiada a se **renovar** diante das transformações aceleradas dos tempos atuais. Ela não pode se desviar dessa tarefa. Isso implica ter coragem de enxergar os limites das práticas pastorais em vista de uma ação mais sinodal e missionária, capaz de atender aos novos contextos que desafiam a evangelização. As propostas pastorais do 1º Sínodo Arquidiocesano precisam agora se transformar em vida das nossas comunidades. O seu **Documento Final** quer ser luz e alento para um rico trabalho pastoral e evangelizador nos anos vindouros.

CAPÍTULO 2

NA ESCUTA DA PALAVRA

Fundamentos Teológicos

“E Jesus lhes interpretou em todas as Escrituras o que a Ele dizia respeito” (Lc 24,27).

26. A comunidade cristã encontra a sua força e a sua inspiração na Palavra de Deus testemunhada e anunciada por Jesus Cristo. A Igreja existe e cumpre a sua missão através da Palavra. Por isso, depois de descrevermos a caminhada histórico-pastoral da nossa Igreja Arquidiocesana, precisamos responder a seguinte pergunta: o que diz a **Palavra de Deus** sobre a nossa ação evangelizadora? Trata-se de ver a nossa vida cristã e eclesial à luz da fé, tomando como referência o princípio da sinodalidade e da missão. “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio” (Papa Francisco),

27. Tal como os discípulos de Emaús, a Igreja Particular de Pouso Alegre, depois de celebrar o seu 1º Sínodo Arquidiocesano, coloca-se totalmente numa atitude de escuta da Palavra de Deus para, assim, se tornar, cada vez mais, uma Igreja “caminho de comunhão para a missão”. Escutar o Senhor Jesus e a voz do Espírito é fundamental para a **renovação da nossa vida pastoral**. Escutar os irmãos sobre as esperanças e crises de fé e sobre os sinais que brotam das realidades locais é a condição para o desenvolvimento de uma ação pastoral mais missionária, acolhedora e participativa.

28. Somos, então, chamados a ir às Escrituras, carregando toda a situação da nossa Igreja Particular, as suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias. É o momento de escutar e

interrogar a Palavra de Deus sobre a nossa vida comunitária e descobrir que tipo de Igreja queremos ser, na esperança de nos tornarmos, cada vez mais, uma **comunidade de comunidades**, superando posturas burocráticas e estáticas, a fim de fazer resplandecer a Igreja como mistério de comunhão missionária a caminho do Reino definitivo.

29. Para isso, nada melhor do que o episódio dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13-35), enquanto relato de um **caminho** feito de escuta, de encontro e de missão. Eles regressam ao seu povoado no domingo da ressurreição. A narrativa descreve os discípulos tristes, decepcionados, como que mal-humorados pela morte de Jesus, sem fé na ressurreição, sem perspectiva de futuro, ao ponto de que, passado o fim de semana, decidem voltar ao seu povoado. A esperança para eles se tornou coisa do passado.

30. Mas o Senhor ressuscitado não permite que eles abandonem o caminho e, por isso, intercepta-os no momento da volta, antes que cheguem ao destino da derrota. De repente, Jesus se aproxima dos dois discípulos e começa a conversar com eles, diminuindo, assim, as suas fadigas. O **Ressuscitado** lhes explica as Escrituras. Na medida em que ouvem Jesus, algo vai mudando na vida deles: não apenas sentem uma esperança e uma alegria novas tocando o coração, como também a caminhada se torna menos hesitante. O Senhor lhes dá um novo sentido de direção e de caminho.

31. Nesta peregrinação, Jesus possibilita que os discípulos de Emaús passem da tristeza à alegria, da dúvida à fé, do desespero à esperança. A partir do encontro com o Ressuscitado, eles recuperam o **ardor missionário** e a **alegria do discipulado**. A comunhão deles com Jesus dá início a uma comunidade fraterna. Mas isso é apenas o começo. Eles precisam ir ao encontro dos outros que também acreditam que Jesus havia ressuscitado. O caminho com Jesus e o partir do pão se transformam, assim, em comunhão, participação e missão.

32. Tal comunhão faz parte do plano salvífico de Deus. O **chamado** à comunhão com Deus e à unidade nele de todo o gênero humano se cumpre em Jesus Cristo e se realiza através do serviço da Igreja. “Deus quis santificar e salvar os homens não como simples pessoas, independentemente dos laços sociais que os unem, mas constituiu um povo para reconhecê-lo na verdade e servi-lo na santidade” (LG, 9). Sobre esta base delineiam-se na Igreja as formas de sinodalidade desenvolvidas ao longo dos séculos.

33. Um dos níveis de **exercício da sinodalidade** se concretiza na Igreja Particular, na qual se realiza uma “especial manifestação da Igreja na participação plena e ativa de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, sobretudo na mesma eucaristia, na mesma oração, no mesmo altar, ao qual preside o bispo circundado pelo seus sacerdotes e ministros” (SC, 41).

34. Esta porção do povo de Deus possui vínculos de história, de linguagem e de cultura, plasmando a comunicação interpessoal e as expressões simbólicas e delineando o seu rosto peculiar. Tudo isso favorece o exercício de um **estilo de vida pastoral sinodal, de comunhão e participação**, e de uma eficaz conversão missionária. Na Igreja Particular, o testemunho cristão se encarna em situações humanas e sociais específicas, permitindo uma incisiva ativação das estruturas sinodais a serviço do trabalho missionário da Igreja.

35. De acordo com a Teologia da Igreja Local, o Sínodo Diocesano representa o vértice das estruturas de participação da Diocese, ocupando um lugar de primário relevo e sendo, ao mesmo tempo, um sinal de esperança para a renovação da vida pastoral da comunidade cristã. O **Sínodo Diocesano** é, na verdade, um evento de graça, na qual o povo de Deus é convocado e se reúne no nome de Cristo, sob a presidência do bispo, para discernir e escutar a voz do Senhor, descobrir os principais desafios pastorais, encontrar o caminho a ser percorrido na missão e cooperar ativamente na tomada das oportunas decisões.

36. Como “ato de governo e evento de comunhão”, o Sínodo Diocesano renova e aprofunda a consciência de **corresponsabilidade eclesial do povo de Deus**, a partir da lógica do “todos”, “alguns” e “um”. O Sínodo é, portanto, uma expressão da diversidade de vocações, de ministérios, de carismas, de competências, de origem social e de proveniência geográfica.

37. Os fundamentos teológicos de uma Igreja sinodal e missionária se encontram na comunhão de amor do Pai e do Filho e do Espírito. “O mistério da Trindade é a fonte, o modelo e a meta do mistério da Igreja” (DAP, 155). Vinda do alto, plasmada pelo alto e peregrinando para o alto, a Igreja não se reduz às coordenadas humanas. A Igreja deriva da **comunhão da Santíssima Trindade**. O plano de salvação do Pai de elevar os homens à participação na vida divina, a missão do Filho de nos salvar e a ação santificadora e transformadora do Espírito Santo edificam a Igreja como obra de Deus.

38. O desígnio salvífico do Pai se cumpre na Páscoa de Jesus. A sua ressurreição é o novo êxodo que reúne na unidade todos aqueles que, na fé, creem nele. Viver a comunhão conforme a medida do mandamento novo de Jesus significa **caminhar juntos** na história como povo de Deus da nova aliança, correspondendo ao dom recebido. A missão do Filho culmina com o envio do Espírito Santo, que torna possível o acesso ao Pai por meio de Jesus, enriquecendo a vida da Igreja com diversos dons e carismas e variados ofícios (cf. DAP, 150).

39. Deste modo, o Senhor continua derramando hoje a sua vida através do trabalho da Igreja (DAP, 151). A claridade do amor de Deus, que é comunhão, resplandece na face da Igreja para que o Evangelho seja anunciado a todas as criaturas (cf. LG, 1). “A Igreja é em Cristo como que o sacramento ou o **sinal e instrumento** da união com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (LG, 1). Neste sentido, a Igreja é totalmente fiel ao Céu e totalmente fiel à Terra; é totalmente de Jesus Cristo e do Reino de Deus e está totalmente a serviço dos seres humanos.

40. A Igreja é, então, “comunhão no e de amor”, a **participação histórica** na unidade da Santíssima Trindade, a realização fiel iniciada sob o véu dos sinais da salvação que brota da iniciativa de Deus. “Esta é a sua essência e o sinal através do qual é chamada a ser reconhecida como seguidora de Cristo e servidora da humanidade” (DAP, 161).

41. A exigência de uma Igreja sinodal traduz em atitudes espirituais e em processos eclesiais a dinâmica trinitária com a qual Deus vem ao encontro da humanidade. “No dom e no empenho da comunhão, encontram-se a fonte, a forma e o escopo da **sinodalidade**, enquanto essa exprime o específico *modus vivendi et operandi* do povo de Deus na participação responsável e ordenada de todos os seus membros no discernimento e na colocação em prática das vias da sua missão” (DC, 43).

42. Além de ser a fonte da vida da Igreja, a Trindade também é a forma da vida e da missão da Igreja, modelo de suas relações e meta última de sua peregrinação. Estruturada sobre a exemplaridade trinitária, a Igreja é uma **unidade na diversidade** dos carismas, das funções, das Igrejas Particulares, das tradições e das culturas, que, longe de destruir a comunhão eclesial, a aperfeiçoam. A plenitude da unidade suscitada e vivificada pelo Espírito Santo é o fundamento de toda possível distinção no seio da Igreja.

43. Pelo batismo, todos são chamados a ser **discípulos missionários** de Jesus Cristo na Igreja e no mundo. “A cada um é dada a manifestação do Espírito para a utilidade comum” (1Cor 12,7). Assim, “a vocação ao discipulado missionário é con-vocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão” (DAP, 156). Todos os batizados são consagrados pela **unção do Espírito**, através da qual participam da profecia, do sacerdócio e da realeza do Senhor Jesus, mesmo sob formas de serviços diversos na Igreja e no mundo.

44. Pelo batismo, todos são chamados à santidade e enviados em missão para convidar todos os povos a acolher o dom da salvação (cf. Mt 28,18-19). É das fontes das águas batismais, nas quais Cristo nos reveste de si mesmo (cf. Gl 3,27) e nos faz renascer pelo Espírito (cf. Jo 3,5-6) como filhos de Deus, que nasce a **Igreja sinodal missionária**. “Toda a vida cristã tem a sua fonte e o seu horizonte no mistério da Trindade, que suscita em nós o dinamismo da fé, da esperança e da caridade” (DC, 15) e nos abre para uma vida fraterna e de comunhão.

45. O povo de Deus participa da **função profética de Cristo** através da difusão do seu testemunho vivo, sobretudo por meio de uma vida de fé e caridade, e pelo oferecimento a Deus do sacrifício de louvor, fruto de lábios que confessam o seu nome (cf. LG, 12). Nesta participação, o conjunto dos fiéis, desde os bispos até os últimos fieis leigos, ungidos pelo Espírito Santo, não pode se enganar no ato de fé. Trata-se do **sentido sobrenatural da fé** (*sensus fidei*), demonstrado no acolhimento universal a tudo o que diz respeito à fé e aos costumes. Graças a este dom, o povo de Deus, seguindo fielmente o magistério eclesial, não obedece a uma palavra humana, mas à Palavra de Deus (cf. LG, 12).

46. Ao interno do povo de Deus, a comunhão eclesial é vivenciada na **diversidade das Igrejas Locais, dos seus carismas e ministérios**, refletindo, no tempo e no espaço, a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. “O povo de Deus está em caminho até o fim dos tempos e até os confins da terra. A Igreja vive através do espaço nas diversas Igrejas Locais e caminha através do tempo desde a ressurreição de Jesus até à sua segunda vinda. Elas constituem um singular sujeito histórico chamado a ser a presença de Deus nos diferentes contextos culturais e sociais” (DC, 51).

47. As Igrejas Locais encontram a sua mais alta expressão, a sua fonte de vida, na eucaristia celebrada pelo bispo com o colégio dos presbíteros e dos diáconos e a ativa participação dos religiosos e dos leigos. O bispo é o sinal e o servo da unidade

da Igreja realizada na Igreja Local (unidade, diversidade e comunhão). Enquanto **princípio de unidade visível**, ele tem, de modo particular, a tarefa de discernir e coordenar os diferentes carismas e ministérios suscitados pelo Espírito para o anúncio do Evangelho e o bem comum da comunidade cristã. Tal ministério é realizado de modo sinodal, na corresponsabilidade e participação de todos os fiéis.

48. Assim, a única Palavra, o único Pão e o único Espírito do Ressuscitado fundam a unidade das diversas **Igrejas Locais**. Todas elas são a plenitude do mistério eclesial localmente realizada e, por isso, estão verdadeiramente unidas entre si. Tal comunhão se expressa na comunhão colegial dos bispos, ministros e sinais da unidade em torno do bispo de Roma, ministro da unidade na comunhão universal das Igrejas. Neste sentido, a sinodalidade articula, de modo sinfônico, as dimensões comunitárias (todos), colegial (alguns) e pessoal (um) da Igreja Particular e paroquial.

49. A paróquia, como **comunidade de comunidades**, constitui-se na menor parte de uma comunidade mais ampla, que é a Igreja Particular. Ela está ligada à acolhida daqueles que peregrinam. “É uma hospedaria que acolhe os viajantes para a pátria celeste. Ela não pode ser morada definitiva, pois distrairia os seus hóspedes do final da viagem. Mas ela não pode ser um lugar de passagem, onde os viajantes não criam laços de fraternidade, amizade e comunhão, pois perderia o sentido de existir como casa que prepara aqueles que buscam uma comunhão plena. Ela é, portanto, referência, lar, casa e, ao mesmo tempo, hospedaria, estação para os que caminham guiados pela fé em Jesus Cristo” (CNBB, 163).

50. Para melhor cumprir a sua missão e favorecer a experiência da comunhão e da participação, a paróquia pode ser setorizada em grupos menores. Uma **paróquia descentralizada** tem mais condições de ir ao encontro dos afastados. A setorização é um meio que exige lideranças bem formadas e preparadas para a missão. Trata-se de um novo planejamento da paróquia

como rede, evitando a concentração de todas as atividades na Matriz. Trata-se de uma nova organização, com maior delegação de responsabilidades para leigos e religiosos que atuam na paróquia. Uma estrutura mais simples é capaz de garantir que as pessoas se empenhem mais em viver na comunidade (cf. CNBB, 214).

51. Todos os batizados são chamados a acolher a **comunhão como dom e empenho** do Espírito que deve ser exercitado na docilidade às suas moções, a fim de se educarem para viver, na comunhão, a graça recebida no sacramento do batismo e levada a termo na eucaristia: a passagem pascal do “eu” entendido de forma individualista para o “nós” eclesial, em que o “eu”, sendo revestido de Cristo, vive e caminha com os irmãos como sujeito responsável e ativo na única missão do povo de Deus (cf. DC, 107). Daí a necessidade de acolhermos o apelo do Senhor a uma conversão não apenas pastoral, mas também pessoal à vida de comunhão. Sem conversão do coração e da mente e sem o exercício para a acolhida e a escuta recíprocas a poucos vão servir os instrumentos externos da comunhão.

52. Neste contexto, é mais do que urgente desenvolver uma formação sistemática, orgânica e gradual de todos os batizados. A vocação e o compromisso de sermos hoje discípulos missionários no mundo requer uma clara e decidida opção pela **formação** dos membros de nossas comunidades. A formação, no entanto, não se limita a explicar como desenvolver um trabalho pastoral, mas deve ensinar como ser discípulo de Jesus Cristo.

53. Uma paróquia descentralizada – que surge de um caminho de variada participação de todos os batizados, de maneira que a variedade de carismas, ministérios, serviços e organizações se orientem no mesmo projeto pastoral – torna possível a **Pastoral Orgânica**. “Porque um projeto só é eficiente se cada comunidade cristã, cada paróquia, cada comunidade educativa, cada comunidade de vida consagrada, cada associação ou movimento e cada pequena comunidade se

inserem ativamente na Pastoral Orgânica de cada diocese. Cada uma é chamada a evangelizar de modo harmônico e integrado no projeto pastoral da Igreja Particular” (DAP, 169).

54. No modelo de uma Igreja de comunhão missionária e sinodal, a revitalização dos **organismos de participação dos batizados** é mais do que necessária. Constitui uma condição para que os trabalhos pastorais da Igreja não fiquem nas mãos de poucos. Enquanto membros do povo fiel de Deus, todos os fiéis são corresponsáveis pela missão, cada um de acordo com a sua vocação, com a sua experiência e competência. Assim, todos contribuem para pensar e decidir passos de renovação das comunidades cristãs e de toda a nossa Igreja Arquidiocesana. A corresponsabilidade é para a missão.

55. O justo reconhecimento da corresponsabilidade dos leigos pela missão no mundo não pode se transformar em pretexto para atribuir apenas ao bispo e aos padres o cuidado com a comunidade. A composição dos **vários conselhos eclesiais** para o ato de discernir e de decidir de uma comunidade sinodal e em saída deve garantir a presença de homens e mulheres que tenham perfil apostólico, que se distingam, antes de tudo, não pela frequência assídua de espaços eclesiais, mas por um testemunho evangélico genuíno nas realidades mais comuns da vida.

56. A Igreja, além de vir da Trindade e se estruturar à sua imagem, também está **orientada à comunhão trinitária**. A Igreja não tem um fim ou meta a si mesma. Peregrinando na conversão e na renovação contínuas, em comunhão com a Igreja celeste, a Igreja se abre para o futuro da promessa e se projeta continuamente para o alto (cf. LG, 7-8).

57. O **peregrinar da Igreja** percorre, na força do Espírito, os passos de Jesus. Ela caminha com Cristo, por meio de Cristo e em Cristo. Ele, o peregrino, o caminho e a pátria, doa o seu Espírito de amor para que nele possamos seguir a via mais perfeita. A

Igreja é chamada a caminhar novamente sobre as pegadas do seu Senhor até que Ele retorne. É o povo do caminho rumo ao Reino celeste na companhia de Maria Santíssima, dos Mártires e dos Santos.

58. A sinodalidade é a forma histórica do caminhar da Igreja em direção ao **repouso final**. A fé, a esperança e a caridade guiam e dão forma à peregrinação do povo de Deus. Os cristãos são pessoas de passagem e estrangeiros, agraciados com o dom e a responsabilidade de anunciar a todos o Evangelho da salvação e trabalhar por um mundo fraterno e justo (cf. DC, 50). “A Igreja não pode perder de vista o serviço à vida e à esperança, no amor e na liberdade, que é, neste mundo, seu horizonte maior” (CNBB, 68).

59. A dimensão peregrina da Igreja ganha visibilidade sobretudo nas peregrinações do povo de Deus. A **piiedade popular** é uma expressão da fé católica, estando presente de diversas formas em todos os setores sociais, numa multidão que merece o respeito e o carinho da Igreja. Ela é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionário. O jeito simples de o povo viver a sua fé e confiança em Deus é um imprescindível ponto de partida para a Igreja conseguir que o povo cresça e amadureça na fé, na esperança e na caridade.

60. A Igreja peregrina é um sinal de que ela não é um absoluto, mas um instrumento; não um fim, mas um meio; não uma soberana, mas uma serva. Ela descobre que está a caminho, que é povo de Deus em êxodo para a terra prometida, constantemente desafiado a ser uma Igreja em saída, com **portas abertas**, livre de qualquer tipo de comodidade, com a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho (cf. EG, 20). E por isso é *semper reformanda*, chamada à renovação incessante e à contínua purificação, não saciada por nenhuma conquista humana.

61. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as suas forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar estruturas que já não favorecem a transmissão da fé. A **conversão pastoral** de nossas comunidades exige que se vá de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária, impregnada pelo estilo sinodal de viver e anunciar o Evangelho (cf. DAp, 365-370).

62. Em nome da meta e da esperança maior, a **Igreja peregrina** é chamada a ser profética e crítica de todas as realizações de curto alcance deste mundo. Presente em todas as situações humanas, solidária com os pobres e oprimidos, não é correto identificar a esperança que move a Igreja com umas das esperanças da história. Trata-se de assumir as esperanças humanas e de, ao mesmo tempo, verificar a sua verdade, tendo como fundamento a ressurreição de Jesus Cristo, o qual, por um lado, apoia todo empenho autêntico pela **libertação e promoção humana** e, por outro, contesta toda absolutização de metas terrenas.

63. O caminhar é um verdadeiro **canto de esperança** que nos impulsiona para o encontro com Cristo e para o cumprimento da missão. Um autêntico caminho cristão preenche de alegria e de esperança o nosso coração e nos leva a anunciar Cristo de maneira constante na nossa vida. (cf. DAp, 259; 280d). Com efeito, a esperança nasce do amor e funda-se no amor que brota do **Coração de Jesus traspassado na cruz**. E a sua vida manifesta-se na nossa vida de fé, que começa com o Batismo, desenvolve-se na docilidade à graça de Deus e é, por isso, animada pela esperança, sempre renovada e tornada inabalável pela ação do Espírito Santo.

64. Na verdade, é o Espírito Santo, com a sua presença perene no caminho da Igreja, que irradia nos crentes a luz da esperança: mantém-na acesa como uma tocha que nunca se apaga, para dar apoio e vigor à nossa vida. Com efeito, a **esperança cristã** não

engana nem desilude, porque está fundada na certeza de que nada e ninguém poderá jamais separar-nos do amor divino.

65. Mas a esperança não é apenas uma virtude individual infundida por Deus no nosso coração no dia do nosso batismo, mas também eclesial e comunitária. A **vida verdadeira**, que somente Cristo pode oferecer ao mundo, “depende do fato de se estar na união existencial com um ‘povo’ e pode realizar-se para cada pessoa somente no âmbito deste ‘nós’” (SpS, 14). Ela pressupõe precisamente a libertação da prisão do próprio “eu”, “pois só na abertura deste sujeito universal é que se abre também o olhar para a fonte da alegria, para o amor em pessoa, para Deus” (SpS, 14).

66. Neste sentido, o evento da salvação, que insere o homem na Igreja, está constitutivamente ordenado e destinado ao **cumprimento final**, quando então “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28). Sem esta referência à plenitude escatológica, a ação evangelizadora, dirigida a todos os povos e finalizada à inserção dos seres humanos na comunidade de salvação, corre o risco de se tornar uma ação ideológica, fechada em si mesma. Por sua natureza, a salvação implica algo que está para além do mundo presente, ou seja, a comunhão plena e definitiva com Deus.

67. Mas enquanto não se manifestam os novos céus e a nova terra, na qual vai prevalecer a justiça, a Igreja peregrina conserva o perfil deste mundo passageiro, nos seus sacramentos e instituições. Vive em meio às pessoas que, por enquanto, gemem e sofrem as dores do parto, na expectativa da revelação dos filhos de Deus (cf. LG, 48). Neste horizonte, a esperança da Igreja é “**a esperança da ressurreição e a ressurreição da esperança**”, que dá vida a todos os que estão relegados às periferias existenciais e destrói todas as idolatrias que escravizam o coração do ser humano. Daqui advém a profunda inspiração da presença dos cristãos leigos em diferentes contextos culturais, políticos e sociais.

68. Os discípulos missionários de Cristo devem iluminar com a luz do Evangelho todos os âmbitos da vida social, atuando à maneira de fermento na massa para construir uma cidade temporal de acordo com o projeto de vida de Deus. “A coerência entre fé e vida no âmbito político, econômico e social exige a formação da consciência, a qual se traduz no conhecimento da **Doutrina Social da Igreja**. É mais do que urgente chamar ao sentido da participação e corresponsabilidade dos leigos para que estejam presentes na vida pública e mais concretamente na formação dos consensos necessários sobre os valores fundamentais que tornam possível a construção de uma sociedade justa e fraterna” (Dap, 505-508).

69. A Igreja Particular de Pouso Alegre, ao concluir o seu **1º Sínodo Arquidiocesano**, coloca-se totalmente a serviço da comunhão, da participação e da missão. Quer ser sinal de esperança para a sociedade, oferecendo a mensagem de salvação a todas as pessoas e trabalhando incansavelmente pela renovação das estruturas eclesiais, pela formação dos cristãos leigos e leigas, pelo fortalecimento dos conselhos paroquiais, setoriais e arquidiocesanos e pelo desenvolvimento de ações pastorais mais articuladas e abertas aos novos sinais dos tempos.

CAPÍTULO 3

NO SERVIÇO DA MISSÃO

Proposições Pastorais

“Naquela mesma hora, levantaram-se e voltaram para Jerusalém” (Lc 24,33).

70. Antes de apresentarmos as **pistas de ação** que brotaram do 1º Sínodo Arquidiocesano, é preciso ressaltar que tais proposições não pretendem contar apenas com os nossos esforços para evangelizar. Somos constantemente tentados a pensar que os resultados dependem da nossa capacidade de agir e de programar. É mais do que certo que Deus conta com a nossa colaboração, mas aí de nós se nos esquecermos de que sem Cristo todo esforço é em vão! Por isso, é importante recordar que as **propostas de ação** nasceram, antes de tudo, da nossa escuta do Espírito, o qual esteve presente no nosso meio, de tal forma que podemos dizer: “Nós e o Espírito Santo assim decidimos” (At 15,28). A resposta de fé à revelação do mistério santo de Deus sempre é dada por homens e mulheres situados num tempo e num lugar concretos, marcados pela cultura de sua época.

71. Quando olhamos para o relato dos discípulos de Emaús, logo percebemos uma certa semelhança com a nossa vida cristã atual, muitas vezes marcada pelo cansaço, pelo desânimo, pela falta de esperança. Os **dois discípulos** estavam voltando para seu povoado desanimados. A morte de Jesus havia matado neles a esperança do Reino de Deus, as expectativas que carregavam no coração em relação ao messias. No entanto, Jesus ressuscitado aproximou-se deles e começou a caminhar com eles. Jesus se envolveu nas suas conversas e sentimentos. Respeitou o tempo e as suas frustrações. Mas, de forma mistagógica, corrigiu as

suas perspectivas, transformou a dureza de seus corações e revelou-lhes o sentido das Escrituras. Por fim, mostrou-se a eles na fração do pão. Nesse momento, os seus olhos se abriram e o reconheceram.

72. A nossa Igreja Particular congrega homens e mulheres pecadores, que, perdoados, se tornam **testemunhas** da misericórdia de Deus. Como diz o Papa Bento XVI: “A Igreja não é o lugar onde não se erra, mas o lugar onde se perdoa”. Na mesma direção vão as palavras do Papa Francisco: “Na Igreja, há lugar para todos, todos, todos”, inclusive e principalmente para os pobres.

73. É no encontro com Jesus ressuscitado, numa experiência pessoal e comunitária de fé, que encontramos o sentido e a alegria de uma vida que é **missão!** Como nos lembra o Sínodo dos Bispos sobre a Sinodalidade, os discípulos de Cristo não são homens que já alcançaram a perfeição; quase pelo contrário, são aqueles que reconhecem as escuridões de sua vida: do vazio existencial, do medo e do pecado, mas têm a coragem de O procurar; estes são alcançados por Cristo e enviados em missão.

74. O primeiro passo que precisamos dar na direção de uma Igreja em saída diz respeito à necessidade de redescobrimos e reencontrarmos o “**Forasteiro**”, ou melhor, deixarmo-nos encontrar pelo **Cristo Ressuscitado**, o qual nos faz arder o coração e reaviva o nosso zelo apostólico e o nosso ardor missionário.

75. Neste encontro e reencontro com o Ressuscitado, somos chamados a **renovar o nosso sim** a Deus, a fim de termos mais firmeza e clareza dos caminhos que devemos seguir. As nossas assembleias sinodais apontaram as seguintes proposições necessárias para que, no caminho, o nosso coração continue a arder e nossos passos continuem em sintonia com os do Senhor que caminha conosco.

76. Para perseverarmos no caminho do Senhor, precisamos ser **formados na escola do Ressuscitado**. O tema da formação

é um tema recorrente na vida pastoral da Arquidiocese de Pouso Alegre. Aqueles que já participaram das assembleias arquidiocesanas de pastoral ou mesmo das assembleias paroquiais são conscientes de que este tema sempre aparece como anseio do nosso povo, em especial, é claro, dos engajados nas ações pastorais de nível arquidiocesano, setorial e paroquial. Nas sessões do nosso 1º Sínodo Arquidiocesano não foi diferente. A **formação da liderança** da Igreja é um clamor e uma necessidade.

77. Neste sentido, parece ser consenso de que este elemento da vida eclesial é de suma importância para o cumprimento da missão que o Senhor nos confiou. Se o pensamento de que “ninguém pode dar aquilo que não têm” é válido, a conclusão a que chega o nosso Sínodo é claramente oportuna: **precisamos nos formar!** Contudo, quem está imbuído dos trabalhos pastorais percebe aqui uma certa contradição: nossa Igreja Particular sempre se preocupou em oferecer formação de qualidade, efetiva e sistemática à sua liderança em todos os níveis e instâncias pastorais. Mas, então, onde se encontra a falha? No conteúdo? Na assessoria? Na estrutura? No tempo e no lugar? Precisamos também nos perguntar qual a razão de a adesão aos encontros formativos serem fracas e desestimuladoras?

78. O presente documento não tem respostas definitivas para sanar estas questões, mas oferece algumas indicações. Antes de apresentá-las, vale lembrar que o Sínodo dos Bispos sobre a **Sinodalidade**, cujas sessões se concluíram em outubro de 2024, traz em seu relatório final a seguinte consideração: “Para que o santo Povo de Deus possa testemunhar a todos a alegria do Evangelho, crescendo na prática da sinodalidade, precisa de uma formação adequada: antes de mais, à liberdade de filhos e filhas de Deus no seguimento de Jesus Cristo, contemplado na oração e reconhecido nos pobres. A sinodalidade, de fato, implica uma profunda consciência vocacional e missionária, fonte de um estilo renovado nas relações eclesiais, de novas dinâmicas participativas e de discernimento eclesial, e de uma cultura da

avaliação, que não pode instaurar-se sem o acompanhamento de processos formativos orientados” (DC, 141).

79. A formação em estilo sinodal promove a consciência de que os dons recebidos no batismo são talentos que frutificam para o bem de todos. Para haver uma formação eficaz, vale a pena recordar a proposta da Conferência de Aparecida: que a formação respeite os processos e seja uma **formação integral, querigmática e permanente**. Nossas formações precisam se ater às dimensões humana, comunitária, espiritual, intelectual e missionária. A missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrarem sempre com Cristo e, assim, reconhecerem, acolherem, interiorizarem e desenvolverem a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo (cf. DAp, 280).

80. Sendo assim, a Igreja Particular de Pouso Alegre precisa contar com a **disponibilidade e corresponsabilidade** de todos: ministros ordenados, religiosos e religiosas, cristãos leigos e leigas. Todos são chamados a ouvir, falar e participar do processo de recepção do nosso Sínodo. “Na Igreja, ninguém é mero destinatário da formação: todos somos sujeitos ativos e temos algo a dar aos outros” (DC, 144).

81. Para efetivar uma formação à altura das necessidades da nossa Arquidiocese, precisamos, em primeiro lugar, criar uma **Comissão de Formação Permanente Integral para a Vida Pastoral da Arquidiocese**. Esta comissão vai procurar, antes de tudo, escutar as bases da Igreja, isto é, as comunidades paroquiais, e estabelecer anualmente um itinerário formativo para toda a liderança.

82. A fim de auxiliar a difusão destas formações, é imprescindível contar com a **participação dos cristãos leigos e leigas** das paróquias, os quais, juntamente com o pároco e/ou o vigário paroquial, ficarão responsáveis em partilhar o conteúdo presencialmente com toda a liderança, através de resumos em

forma de post's a serem disponibilizados para as redes sociais na internet. Isso vai ajudar a ampliar o público a ser atingido pelo conteúdo estudado na comunidade paroquial.

83. Da mesma forma, a Comissão de Formação Permanente Integral para a Vida Pastoral da Arquidiocese deverá apontar outro **itinerário formativo** às nossas instâncias pastorais arquidiocesanas: Conselho Arquidiocesano de Pastoral (CAP), Conselhos Setoriais de Pastoral (COSEPA's) e Conselhos Paroquiais de Pastoral (CPP's). Cada coordenação é convidada a organizar as formações nas reuniões programadas ao longo do ano.

84. Cada comunidade paroquial deverá fazer o **discernimento** sobre o melhor dia, local e tempo para a aplicação da formação, respeitando sempre a realidade local: os trabalhos cotidianos, os estudos e a vida social do nosso povo. O objetivo é facilitar o acesso e a disponibilidade de adesão dos fiéis.

85. Nossas formações também deverão ser, na medida do possível, objetivas, claras e dinâmicas. Para isso, é preciso saber escolher os **assessores**. Que tenham um mínimo de habilidade para falar e recursos para desenvolver a formação.

86. O intuito não é aumentar as nossas atividades, mas cuidar melhor de nossa formação nas suas várias dimensões. Neste sentido, pedimos que as **coordenações arquidiocesanas** de pastorais, movimentos e ministérios (coordenações leigas e eclesiais) procurem promover apenas um encontro anual com o seu grupo e que as orientações e/ou formações específicas de sua pastoral, movimento ou ministério sejam desempenhadas a partir de visitas setoriais, favorecendo o contato mais próximo das coordenações diocesanas com as paroquiais e facilitando o acesso a um local mais central para determinado setor. Este é um grande anseio das forças vivas de nossa Arquidiocese: possibilitar mais **encontros setoriais** e menos arquidiocesanos, embora

saibamos que as reuniões em nível de Igreja Particular são mais do que necessárias.

87. Como o processo sinodal nos ensinou a escutar mais a Palavra de Deus e nos convidou a uma conversão pessoal e pastoral sob a força do Espírito Santo, a Comissão de Formação Permanente Integral para a Vida Pastoral da Arquidiocese deverá propor sempre, alguns meses antes do término de cada ano, um itinerário para um **retiro espiritual**, no qual será possível ouvir melhor o Senhor e também uns aos outros a partir da dinâmica da conversação no Espírito para que, a partir do que rezamos, ouvimos e partilhamos, apontemos possíveis caminhos formativos para o próximo ano.

88. Outro tema recorrente em todas as etapas do Sínodo Arquidiocesano foi a questão da **acolhida**. Este aspecto clama por uma conversão de nossas relações eclesiais. Neste caso, foi sugerida a criação ou a reorganização da **Pastoral da Acolhida**. Que ela tenha um campo de ação não apenas nas portas das Igrejas, por ocasião das celebrações eucarísticas, mas que parta para a visita daqueles que estão afastados da comunidade, isto é, dos fiéis que já não participam da Igreja ou dos que já participaram, mas, por um motivo ou outro, dela se afastaram. Que os presbíteros estejam atentos à realidade dos fiéis, oferecendo oportunidades de atendimentos descentralizados, com lugares e horários alternativos, não ficando restritos à secretaria paroquial. E que promovam momentos de confraternização e convivência nas comunidades paroquiais, ao menos ocasionalmente, para favorecer o crescimento da amizade e da comunhão entre os fiéis.

89. Outra proposição diz respeito à criação da **Comissão de Formação Permanente Integral para a Vida Pastoral da Arquidiocese**, com a missão de promover as formações humano-afetivas e psicológicas dos cristãos leigos, a fim de ajudá-los no amadurecimento pessoal e, assim, poderem enfrentar e vencer certas mazelas que atrapalham a vida de comunidade, como, por

exemplo, fofocas, intrigas, discórdias e desavenças. “Uma Igreja sinodal se caracteriza como espaço onde as relações podem florescer, graças ao amor recíproco que constitui o mandamento novo deixado por Jesus a seus discípulos” (DC, 34).

90. Como urgência para os dias de hoje, a Igreja como um todo e também a Arquidiocese de Pouso Alegre precisam promover e zelar mais pela questão da **pertença dos fiéis**. Para isso, foi sugerido que as comunidades trabalhem a **catequese paroquial** em todas as suas etapas, principalmente a etapa da Crisma, visando a uma maior inserção dos catequizandos na vida eclesial e pastoral e a uma revalorização das celebrações nas pequenas comunidades urbanas ou rurais.

91. Nossa Arquidiocese sempre valorizou os círculos bíblicos, novenas de Natal, os encontros da Campanha da Fraternidade, a recitação do terço e outras iniciativas. O nosso Sínodo Arquidiocesano pede que não desistamos destes **instrumentos**, já que são necessários e úteis para o fortalecimento da nossa pertença eclesial e corresponsabilidade.

92. Uma forma significativa de acolhida são as **ações caritativas de nossa Igreja**. O próprio Papa Francisco nunca deixou de nos alertar sobre a necessidade de darmos uma atenção especial aos **pobres**: “Não se esqueça dos pobres!”. Uma Igreja que se esquece dos irmãos mais necessitados se distancia, de um certo modo, do Evangelho e de Jesus Cristo. Que a Arquidiocese de Pouso Alegre fomenta e organize cada vez mais a Pastoral Social em nossas comunidades.

93. Houve ainda a preocupação com a vida dos **movimentos paroquiais**. Eles cultivam um carisma louvável, já que anunciam a Palavra de Deus “oportuna e inoportunamente”. Porém, algumas vezes, tendem ao sectarismo e ao individualismo. Daí a necessidade de um acompanhamento mais próximo por parte dos pastores da Igreja. Vale recordar que São João Paulo II apontou a comunhão eclesial como critério de discernimento. O Magistério

do Papa Francisco reafirma também este princípio: “Um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade (...). É na comunhão, mesmo que seja fadigosa, que um carisma se revela autêntico e misteriosamente fecundo” (EG, 130).

94. O nosso Sínodo igualmente apontou a necessidade de acolhermos mais os **imigrantes**, os quais, buscando trabalho e condições de vida digna, já são uma realidade considerável em várias paróquias de nossa Arquidiocese. É mais uma porta que se abre para a evangelização, pois o mandato de Jesus Cristo “Ide e ensinai a todos” nos impele para uma missão “aos pés da porta”, pois grande parte deles chegam em nossa região muitas vezes deslocados e sem “apoio próximo” para a nova realidade que enfrentam.

95. Vale ainda recordar o quanto precisamos fazer pelos nossos **peregrinos**. São muitas as paróquias por onde passam “os caminhos da fé”. Todas são chamadas a promover, com criatividade e de acordo com as necessidades, a **acolhida** dos peregrinos, afinal somos todos “peregrinos de esperança”. É mais do que urgente desenvolver uma cultura da acolhida. Somente seremos realmente uma Igreja acolhedora se assumirmos o desafio de viver, cada vez mais, como uma “Igreja em saída e com as portas abertas”.

96. Outro aspecto importante que apareceu em nossa caminhada sinodal, em conexão com a conversão das relações interpessoais, diz respeito à **prática do diálogo**. A renovação e a atualização das ações pastorais de nossas comunidades passam pela capacidade de cada membro expor seus pontos de vista com sinceridade e honestidade de consciência e ser escutado por todos. Nas questões relativas à tomada de decisões, é necessário chegar a um maior consenso, não por ideologia, mas por discernimento.

97. No que se refere à ação evangelizadora nas comunidades, é aconselhável setorizar a **paróquia em redes de comunidades**.

Foi também sugerido que se aproveite mais das redes sociais para evangelização, sem, porém, substituí-la pela presença física. A vida de comunidade é o lugar adequado e insubstituível de meditação e contemplação da Palavra de Deus, pois “aprouve a Deus salvar os homens, não isoladamente, mas em comunidade” (LG, 8). É igualmente louvável que as atividades pastorais sejam frutos de projetos discernidos, decididos e assumidos comunitariamente, para que, mesmo quando houver mudanças de padres ou liderança, o trabalho não seja interrompido.

98. Quanto aos órgãos de comunhão e participação, pede-se que se crie ou revitalize os conselhos da comunidade paroquial. Que o Conselho Econômico Paroquial e os Conselhos Comunitários e/ou Paroquiais de Pastoral sejam instâncias de diálogo, participação e discernimento. O último Sínodo dos Bispos apresenta um itinerário para a implementação do discernimento eclesial baseado no princípio da corresponsabilidade diferenciada: “nada sem o Bispo, nada sem o vosso conselho (dos Presbíteros e Diáconos), nada sem o consentimento do Povo” (DC, 88).

99. Para superarmos o problema do **clericalismo**, o qual não passou despercebido nas diversas etapas do nosso Sínodo Arquidiocesano, recordamos que “Na oração e no diálogo fraterno, reconhecemos que o discernimento eclesial, o cuidado com os processos de decisão e o compromisso de prestar contas das próprias ações e avaliar o êxito das decisões tomadas são práticas com as quais respondemos à Palavra de Deus que nos indica os caminhos da missão (DC, 79).

100. Se o diálogo é de suma importância para a vitalidade das nossas relações e também para nossa missão eclesial, de igual modo é a **escuta**. O Papa Francisco nos convida a nos “inclinarmos” mais à atitude da escuta. Se falar é importante, escutar também é crucial para os trabalhos pastorais da nossa Igreja Particular. Para isso, é de grande eficácia recorrer à salutar “Conversa no Espírito”. Precisamos “treinar nossos ouvidos” para

escutar o Espírito Santo, a Palavra do Senhor e o Magistério da Igreja.

101. Uma voz que também se fez ouvir nas nossas Assembleias Sinodais pede para que se crie e organize nas paróquias a **“Pastoral da Escuta”**, já que o número de sacerdotes nem sempre condiz com o de fiéis. Nem todos os padres conseguem oferecer um atendimento à altura das necessidades do povo de Deus. Todavia, por mais significativa que seja, a **“Pastoral da Escuta”** é uma questão que ainda precisa ser amadurecida e discernida em nossa Arquidiocese.

102. Para que as nossas celebrações litúrgicas possam resplandecer mais vivamente o mistério da comunhão trinitária, o Sínodo Arquidiocesano pede que se reorganize as **Equipes Paroquiais de Liturgia**, bem como as **Equipes de Celebração**, a fim de que se evitem os improvisos. Que as celebrações possam expressar realmente aquele aspecto do mistério da vida de Jesus que está sendo celebrado, de forma que os fiéis participem ativamente das celebrações e não sejam meros espectadores. Que as equipes de canto estejam em sintonia com as equipes de celebração!

103. Onde não for possível a celebração da eucaristia dominical, é preciso valorizar a celebração da Palavra com a distribuição da comunhão eucarística. Tanto nas celebrações da missa como nas celebrações da Palavra, pede-se que se dê mais atenção às **homilias**. Que sejam bem preparadas, que não se afastem da mensagem do Evangelho do dia e que sejam alimento espiritual para os fiéis.

104. A Assembleia Sinodal alertou para a necessidade de se aproveitar as oportunidades que os **momentos fortes da vida** oferecem para a evangelização: nascimento, casamento, despedidas etc. É necessário que haja proximidade e solidariedade nos momentos de luto, respeitando o tempo e a dor dos fiéis. Com relação à **Unção dos Enfermos**, é preciso valorizar mais

esta celebração em favor dos irmãos enfermos. Que sejam bem preparados e celebradas dignamente.

105. Em relação aos “**casos especiais**”, a Igreja Arquidiocesana não se esquivava de ser uma mãe de coração aberto para acolher a todos. Que os fiéis que se encontram em situações canonicamente delicadas se sintam convidados a participar efetivamente da vida, missão e testemunho da Igreja. Que sejam alimentados pelo Pão da Palavra, podendo participar de pastorais e movimentos de acordo com seus dons, como sinal de amor a Jesus Cristo e aos irmãos. Quanto à recepção da sagrada comunhão, é necessário observar as orientações da Igreja Universal.

106. Outro aspecto debatido no Sínodo Arquidiocesano foi o perigo do **intimismo religioso**. Que o compromisso horizontal que brota da eucaristia perpassasse a devoção dos nossos fiéis. Que se promovam catequeses sobre a liturgia, sobretudo a eucarística. E não se descuidem de promover momentos eucarísticos de adoração e bênção do Santíssimo Sacramento.

107. Sabe-se que várias paróquias estão retomando as **atividades missionárias**. As visitas missionárias têm gerado um efeito positivo de resgate do espírito missionário em nossas comunidades e em muitas pessoas. Sobre a dimensão missionária da nossa vida cristã, as proposições apresentadas pelo nosso Sínodo giram em torno de iniciativas como: ano temático em âmbito arquidiocesano, retomada das missões populares, dos trabalhos missionários em todas as paróquias e das ações do Conselho Missionário Diocesano (COMIDI) e fortalecimento dos Conselhos Missionários Paroquiais (COMIPA's).

108. Foi proposto ainda que as paróquias organizem equipes responsáveis pela formação e retomada ou criação das “**Escolas da Fé**” e a criação de um calendário anual de visitas missionárias. Que tais visitas sejam voltadas também às famílias que vivem em situações de vulnerabilidade (doenças, problemas conjugais,

vícios, luto...) e aos recém-casados e recém-batizados. Que não sejam esquecidas as visitas em condomínios, nos centros urbanos, nas escolas, nos presídios, nas áreas de imigrantes e até em eventos da sociedade. É preciso fazer chegar a mensagem do Evangelho às periferias existenciais.

109. É mais do que necessário valorizar os **espaços de participação** (CCP, CPP, COSEPA...) como fonte de dinamização e conscientização da ação missionária. Precisamos descobrir novas formas de fazer chegar o Evangelho às pessoas que não se encontram mais em nossas comunidades e também àquelas que não se identificam com a nossa fé. Neste sentido, as visitas missionárias abrem um novo horizonte para o **fortalecimento da missão** nas nossas comunidades.

110. A ação evangelizadora não pode se limitar a um grupo restrito de fiéis. Os grandes centros urbanos têm promovido atividades e iniciativas sociais independentes, sem contar com a contribuição das paróquias e dos fiéis. Precisamos, neste caso, **interagir mais com a comunidade local**, oferecendo a nossa presença de fé e de valores cristãos aos diversos âmbitos da sociedade.

111. Enfim, para que o 1º Sínodo Arquidiocesano produza os **frutos desejados**, precisamos desenvolver as seguintes ações: formar pequenas comunidades; desenvolver as ações pastorais de forma articulada e orgânica; fortalecer os conselhos paroquiais, setoriais e arquidiocesanos; valorizar o laicato; incentivar a formação para a vida cristã e para os ministérios leigos; acolher a todos, especialmente os afastados; viver a caridade e o cuidado para com os pobres; dar maior atenção aos condomínios e conjuntos de residências populares; trabalhar pela comunhão com a totalidade da nossa **Igreja Particular**; utilizar os recursos da mídia para a evangelização; ser uma Igreja em saída missionária, uma Igreja que seja caminho de comunhão para a missão.

CONCLUSÃO

“E eles narraram os acontecimentos do caminho e como o haviam reconhecido na fração do pão” (Lc 24,35).

112. O Senhor nos chamou a caminharmos juntos: agora é tempo de prosseguir o caminho, nas pegadas do Mestre Jesus. A fé nos garante que apenas Ele mesmo é o Caminho que nos dá futuro, esperança, vida plena. “Ninguém se salva sozinho”, ensinou-nos repetidamente o amado Papa Francisco. O **seguimento de Jesus Cristo** é romaria, na qual “todos, todos, todos” são bem-vindos (cf. Mt 22,9), partilhando suas histórias e anseios (cf. Lc 13,14), sendo apoio uns aos outros (cf. Cl 3,13), na variedade dos dons e talentos (cf. 1Cor 12,7). A trilha é árdua, repleta de riscos e obstáculos (cf. Lc 9,23), mas o sacrifício vale muito a pena, porque à frente nos aguarda o santuário que não foi feito por mãos humanas (cf. Hb 9,24), o próprio Céu, o Reino de Deus, “onde toda lágrima será enxugada” (Ap 21,4).

113. Por isso, nesta via de peregrinos, é nossa missão enxugar as lágrimas uns dos outros, socorrer os que cambaleiam de fome ou exaustão, acolher os que chegam desorientados de tantos outros atalhos, perdoar aos que nos ofenderam ou se distanciaram de nós durante a caminhada. O **Reino de Deus** está à frente, é nossa meta, mas é ensaiado já aqui, em nossas vivências comunitárias de serviço, escuta, amor e comunhão. O próprio Jesus se faz nosso alimento nessa jornada, na Palavra proclamada, no Pão e no Vinho consagrados e partilhados.

114. O caminho sinodal se faz na união e participação de todos, em seus diferentes ministérios e carismas. A **graça batismal** se converte para nós em graça sinodal, tornando-nos um só Corpo e um só Espírito (cf. Ef 4,4). “Pela mente não sejamos separados: cessem lutas, cessem rixas, dissensões, mas esteja

em nosso meio Cristo Deus!” (Hino *Ubi caritas*) “**Juntos**, pois, reconstruiremos a credibilidade de uma Igreja ferida, enviada a uma humanidade ferida, no seio de uma criação ferida. Ainda não somos perfeitos, mas é preciso ser credível!” (Papa Leão XIV).

115. Neste caminho de reconstrução, queremos juntos reconhecer que sem Deus nada podemos fazer. Por isso, ao concluirmos este texto de conclusão do 1º Sínodo da Arquidiocese de Pouso Alegre, somos convidados a elevar a Deus a **nossa ação de graças** pelas inúmeras bênçãos derramadas sobre a nossa Igreja Particular ao longo dos seus 125 anos de serviço ao Evangelho. Suba aos céus a nossa gratidão a Deus por nos mostrar que a Igreja deve ser sempre caminho de comunhão para a missão.

Senhor, que és o **princípio de tudo**, que és o sentido de nosso tempo e de nossos caminhos, que criaste a beleza da vida para que todos juntos pudéssemos nos encantar! “*Deus andava no jardim, à brisa da tarde*” (Gn 3,8). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

Senhor Deus Pai, que conviveste em **harmonia** com tuas criaturas no paraíso (cf. Br 3,38), onde tudo era “muito bom” (Gn 1,31), sentiste saudade de nós e fizeste nova visita aos teus: enviaste a nós o teu Filho, Palavra cheia de alegria e de desejo de comunhão. “*E a Palavra se fez carne e veio morar entre nós*” (Jo 1,14). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

Senhor Deus Filho, nossa Luz, nosso **Mestre e Pastor**, desejaste a Igreja, reuniste discípulos e discípulas à escuta de teu evangelho e, por obra do Espírito, enviaste-os todos juntos em missão naquele Pentecostes: a mais bela comunidade, de gente plena de esperança! “*Sereis minhas testemunhas... até os confins da terra*” (At 1,8). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

Senhor Deus Espírito Santo, que descortinaste para nós o Sínodo Arquidiocesano, novo caminho em um **tempo novo**,

o **tempo da graça**: louvamos-te por teu constante convite a caminharmos juntos rumo a um futuro de comunhão. *“Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens”* (Mc 1,17). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

Trindade Santíssima, o caminho por que nos conduziste é farto de **bênçãos**! Recordamos com gratidão as nove assembleias de pastoral celebradas em nossa Arquidiocese! Teu imenso coração, pleno de amor, ensinou nossos olhos a reconhecer-te em cada encontro, em cada empenho missionário de leigos e leigas, bispos, padres, religiosos e religiosas! Chamas-nos para o “exercício de uma arte sinfônica, todos juntos com diferentes ministérios e carismas” (Papa Francisco). Chamas-nos a ser uma **Igreja ávida da Palavra**, que fecunda e dinamiza a missão. *“Acolheram a Palavra com muito interesse”* (At 17,11b). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

Senhor, que és nossa vida, nossa história, nosso presente e nosso futuro, louvamos-te pelo jubileu de **125 anos de nossa Igreja Arquidiocesana**! Há bem mais de um século caminhas conosco, construindo a comunhão e fortalecendo em nós a esperança que não passa, com os mesmos sentimentos do coração de Jesus Cristo. *“Tende entre vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus”* (Fl 2,5). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

Senhor, nossa paz, graças te rendemos por nos teres dado como mãe a **Virgem Maria, a Senhora Aparecida**, mulher do povo a interceder por nós junto ao Filho para que guardemos no coração a memória da fé e narremos, com nosso testemunho, a tua história de salvação entre nós! *“Maria... guardava todos esses acontecimentos, meditando-os em seu coração”* (Lc 2,19). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

Senhor, nossa força, com **São Sebastião**, nosso admirável padroeiro, queremos ser presença do teu Reino em meio aos perigos e obstáculos deste mundo. Recebe nosso louvor e

nossa gratidão pela coragem que nos dás de falarmos de teu amor, de tua justiça e de tua paz em meio a ambientes de ódio, desigualdade e violência. *“Eu vos darei palavras e sabedoria a que não poderão resistir ou contradizer todos os vossos adversários”* (Lc 21,15). Graças te damos, Senhor, pela sinfonia da vida!

SUMÁRIO

SIGLAS	02
INTRODUÇÃO	03
CAPÍTULO 1	06
CAPÍTULO 2	17
CAPÍTULO 3	31
CONCLUSÃO	43



Coordenação
Arquidiocesana
de Pastoral